

SENTIDOS DA FILOSOFIA E DO FILOSOFAR NO ENSINO SECUNDÁRIO¹

Paulo Henrique Ferreira², Celso João Carminati³

¹ Vinculado ao projeto “Razões e sentidos do ensino/aprendizagem da Filosofia para a formação de estudantes de ensino médio”

² Acadêmico do Curso de Pedagogia – FAED – Bolsista PROBIC ph.ferreira@edu.udesc.br

³ Orientador, Departamento de Pedagogia – FAED – celso.carminati@udesc.br

Num contexto em que a filosofia vem sendo retirada dos currículos, cedendo espaço para disciplinas com perfis mais técnicos ou voltadas ao mercado de trabalho, o ato de filosofar ou o exercício do pensamento em busca da compreensão e análise das estruturas sociais e psico-afetivas, vem sendo cada vez mais difícil. Neste movimento, o ato de filosofar acontece quando o ser humano se propõe a buscar a compreensão de tudo que cerca a sua existência. Neste sentido, fazem-se fundamentais os esforços em compreender os aspectos da humanidade, e imortalizá-la em seus escritos reflexivos. Nesse encadeamento de ideias, é propícia a discussão sobre o ato de filosofar no ensino secundário. Desde minha inserção no projeto de pesquisa “Razões e sentidos do ensino/aprendizagem da Filosofia para a formação de estudantes de ensino médio”, fui contemplado com leituras importantes sobre o tema, dentre as quais, destaco as contribuições do livro “Ensinar Filosofia para que? O ensino de Filosofia na Itália, Portugal, Moçambique e Brasil”, organizado pelo professor Celso João Carminati (2020), coordenador do projeto de pesquisa. Por meio de reflexões dessas leituras, fica nítida a compreensão da formação da filosofia, seus conteúdos, estruturas curriculares e atos de filosofar no ensino secundário em quatro países de origens geográficas distintas: Itália e Portugal no continente europeu, Moçambique no continente africano e o Brasil na América do Sul. Destaque para as leituras reflexivas sobre o sentido do ensino da disciplina de Filosofia no Ensino Médio ou Secundário, tendo como base as pesquisas de campo realizadas, com o sentido de observar as realidades diferentes, as diversidades históricas, o âmbito social e cultural desses quatro países. Essas observações, contribuem significativamente para o conhecimento das diferentes experiências do ensino secundário de Filosofia, bem como de diversificados regramentos em sociedades desiguais, em seus contextos históricos, econômicos e sociais. Percebe-se que a presença da Filosofia no currículo dos quatro países pesquisados retrata uma desleal concorrência com outras disciplinas curriculares, dificultando a formação crítica dos estudantes, uma vez que, recorrentemente a Filosofia é considerada como uma disciplina marginal em relação às demais. Outra contribuição significativa da observância, é apontar que o multiculturalismo é um fenômeno social relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas, portanto, está presente em todos os ambientes, gerando um ótimo objeto de pesquisa quer seja no Brasil, na Itália, em Portugal ou em Moçambique. A metodologia utilizada no trajeto da pesquisa, foi por meio de leituras reflexivas, com indicativo através de coleta de dados, interpretação dos mesmos e revisão e produção textual. Os textos sobre o ensino de filosofia na Itália foi a escolha principal para a reflexão, em função de sua importância histórica e ressignificação autônoma, e de seu lugar central no currículo. No sistema educacional italiano, o ensino de Filosofia compreende quatro níveis de ensino: Escola da Infância, Escola Primária, Escola Secundária de primeiro grau

e a Escola Secundária de segundo grau, além das escolas de alta formação tecnológica antes da formação universitária. De forma provocativa, o filosofar implica buscar sempre o conhecimento da realidade, suas dificuldades, ficando mais evidente a importância e necessidade deste ato na formação dos professores; há reflexos da presença e ausência deste no ensino secundário nos quatro países. Na Itália, o refletir sobre o percurso formativo em Filosofia, possibilitou a compreensão do respeitável programa de formação universitária composto de dois cursos formativos, a Laurea Triennale e a Laurea Magistrale de três e dois anos, responsáveis pela formação dos professores de filosofia. Dentre os diversos aspectos, o percurso formativo universitário foi investigado em sua legislação, em seus requisitos para inserção acadêmica, indicando o cunho obrigatório para os alunos do 5º e último ano do secundário, até a estrutura curricular que prioriza a capacitação profissional em História e Filosofia no ensino secundário. No âmbito da atuação profissional, é comum formados em Filosofia se ocuparem também de serviços de comunicação em agências, atuando como consultores editoriais entre outras ocupações. O índice de desemprego entre jovens no país, e conseqüentemente o baixo número de inscrição desses na universidade contribui negativamente na oferta aos cursos. Este movimento latente, retrata um novo perfil social estabelecido por uma condição social de mudanças registradas no envelhecimento, e no empobrecimento da população, também registrada na presença de estruturas migratórias de estrangeiros. Essa ação desafia a formação universitária, que se recondiciona estruturalmente em prol de respostas emergentes. Todo esse movimento de diferenças sociais, explicita uma indagação sobre a suficiência e a rigidez do valor do profissional formado em Filosofia nos cursos de Laurea Triennale e Laurea Magistrale: é preciso continuar a formação, se reinventar de modo a atender as novas demandas sociais, e concomitantemente “competir no mercado de trabalho educacional”. Como? Se a essência filosófica fundamental é o problema do ser, ou seja, o desafio do filósofo é entender sua própria realidade, sua existência, expondo publicamente seus métodos e soluções, e não o problema de estar na vida de modo a encará-la como uma competição. Surge, então, braços de resistência compostos por docentes e universitários como a Sociedade Filosófica Italiana (SFI), que por meio de debates sobre o ensino secundário de Filosofia, valorizam a importância e a essência de matrizes filosóficas, constituindo-se como um movimento de voz ativa e importante espaço construtivo de discussão. Diante da importância da formação no curso universitário de Filosofia, em que os pilares importantes como a estrutura escolar, a carreira docente promissora, percebe-se que o ensino de filosofia também passa por desafios. No ensino secundário dos Liceus italianos, fruto de intensa luta de classes representativas, há o despertar da importância do pensar filosófico. É fundamental apropriar-se do entendimento de que a filosofia é uma área da “ciência” que se preocupa com a construção de conceitos que irão servir de base para diversas áreas do conhecimento. Portanto, é por meio de habilidades, conhecimentos específicos da Filosofia que o filósofo deve observar a realidade, pensar os acontecimentos além da sua aparência. Pensar sobre a ciência, seus valores, seus métodos, sobre a religião, a arte e, sobretudo, pensar sobre o ser humano, em sua vida cotidiana para que uma consciência crítica, autônoma e essencialmente subversiva seja despertada nos alunos, desde o início de suas perspectivas sobre o ensino de Filosofia. Neste lugar, é relevante o formato progressivo dos quatro níveis de ensino de Filosofia na Itália: a Escola da Infância, a Escola Primária, a Escola Secundária de primeiro grau e a Escola Secundária de segundo grau. Toda essa historicidade formativa, é valiosa no percurso formativo no ensino secundário, de modo que proporcione um ato de filosofar genuinamente com conhecimento filosófico, por meios de conhecimentos racionais, com base formativa para questionamentos sobre a existência humana a partir da razão e da lógica. Em virtude do que foi mencionado, a compreensão do percurso formativo no sistema de ensino italiano traz uma

amostra significativa sobre “Razões e sentidos do ensino/aprendizagem da Filosofia para a formação de estudantes de ensino médio”, constituindo-se como um parâmetro para amostragem nos outros países da bibliografia básica da pesquisa Ensinar Filosofia para que? O ensino de Filosofia na Itália, Portugal, Moçambique e Brasil, desenvolvida pelo professor Celso João Carminati. Por todos esses aspectos, o estudo veio de forma salutar e construtiva contribuir muito na minha formação e graduação universitária de Licenciatura em Pedagogia. A pedagogia libertadora e emancipatória de leitura de mundo de Paulo Freire, ferrenho opositor da educação bancária, unir-se-á a conceitos da filosofia que incomodam porque questionam a sociedade e o “modo de ser” das pessoas. Questionando paradigmas sociais de práticas políticas, científicas, técnicas, éticas, econômicas, culturais e artísticas por um olhar mais significativo para a docência. Por fim, recomenda-se a continuidade destes espaços de pesquisas em iniciação científica para que possam contribuir no despertar da consciência crítica tão importante para a educação no Brasil e fora dele.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Filosofia. Formação.

REFERENCIAS:

ALVES, Dalton José. A Filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

CARMINATI, Celso João. Ensinar Filosofia para que? O ensino de Filosofia na Itália, Portugal, Moçambique e Brasil. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.

GHEDIN, Evandro. Ensino de Filosofia no ensino médio. São Paulo: Cortez, 2008. Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio.

HORN, Geraldo Balduino. Ensinar Filosofia: Pressupostos teóricos e metodológicos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.